

BNDES vê solução nos novos investimentos para ganhos de escala

Restauração florestal esbarra na alta dos insumos impactados pela inflação e pela guerra

Por Sergio Adeodato — Para o Valor, de São Paulo

23/05/2022 05h03 · Atualizado há uma semana



Aranha, do BNDES “Já temos R\$ 600 milhões comprometidos após seis meses” — Foto: Divulgação

Em meio à alta demanda por plantio de árvores nativas devido às necessidades de regularização ambiental, às práticas empresariais de responsabilidade ambiental, social e de governança (ESG, na sigla em inglês) e à expectativa de negócios no mercado de carbono, uma barreira preocupa o setor da restauração florestal: a expressiva elevação dos preços dos insumos, com riscos de frear investimentos e adiar planos para recuperação de ecossistemas. O cenário resulta do atual processo de inflação global e impactos da guerra na Ucrânia e “exige esforço ainda maior em novas estratégias de gestão e tecnologia visando redução de custos para engajamento dos produtores rurais”, analisa Laura Antoniazzi, sócia da consultoria Agroicone.

Dados da organização indicam que, de dezembro de 2020 a maio de 2022, o valor médio das mudas nativas subiu até 264%. No caso dos herbicidas, a elevação média foi de até 407%, sendo de 40% para o glifosato, um dos insumos mais utilizados. O custo da mão de obra mecanizada subiu mais de 1.000% e a manual, 66%, afetando a restauração florestal e o agronegócio de maneira geral. “Otimizar assistência técnica e disseminar técnicas mais baratas são imperativos ao ganho de escala na reposição de árvores”, ressalta Antoniazzi.

Ela lembra que estudos já conhecidos apontam que a restauração com uso de sementes tem custo cerca de um terço inferior em relação ao plantio de mudas. Em um ano e meio, o valor das sementes nativas (40 kg por hectare) subiu 17%, de acordo com a Agroicone. “Esse insumo apresenta custos de característica mais regional, com logística facilitada e menor dependência externa”, diz a especialista em agricultura e sustentabilidade.

A chamada “regeneração natural assistida”, na qual as áreas são induzidas a se recuperar pela ação da própria natureza, sem intervenções com sementes ou mudas, tem sido priorizada nos planos de investimento. “O aporte de maior volume de recursos financeiros, com

aumento da escala e da capacidade produtiva da cadeia de fornecimento da restauração, pode reduzir o problema do custo”, observa Bruno Aranha, diretor de crédito produtivo e socioambiental do BNDES. No programa Floresta Viva, lançado em 2021 em Glasgow, o banco estabeleceu a meta de repassar R\$ 500 milhões ao setor, em dois anos - metade do montante em contrapartida de empresas e governos estaduais investidores.

As ações no campo estão previstas para o segundo semestre. “Já temos R\$ 600 milhões comprometidos após seis meses e a perspectiva é alcançar R\$ 675 milhões no curto prazo, incluindo o fomento à produção de mudas e sementes e potencializando a demanda da atividade no país”, celebra o executivo.

O mecanismo será gerido pelo Fundo Brasileiro para a Biodiversidade (Funbio), por meio de chamadas regionais para projetos, e prevê retorno no mercado de carbono para o banco e parceiros doadores. O plano inicial é recuperar 33 mil hectares de floresta, com remoção de 9 milhões de toneladas de dióxido de carbono da atmosfera, em dois anos. A estratégia também possibilita ganhos via modelos de Sistemas Agroflorestais (SAF) e Integração Lavoura-Pecuária-Floresta (ILPF), o que pode fazer diferença na equação financeira em cenários momentâneos de maiores custos no mercado.

Em outra frente, o Fundo Vale está investindo na recuperação de 100 mil hectares até 2030, na lógica de negócios de impacto agroflorestais. Projetos-piloto em seis Estados receberam R\$ 25 milhões, para posterior expansão no país. Em paralelo, ações em rede reforçam o valor social e econômico da atividade, além do ecológico. Segundo o Plano Nacional de Recuperação de Vegetação Nativa (Planaveg), o compromisso climático brasileiro no Acordo de Paris de recuperar 12 milhões de hectares até 2030 tem potencial de gerar até 112 mil empregos diretos por ano, no período. “Mas é preciso avançar na macroeconomia e redirecionar o capital hoje investido em setores prejudiciais, como fontes fósseis de energia”, ressalta Rubens Benini, líder da estratégia de restauração de florestas da TNC no Brasil.